



# PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## DISCURSO DE ÁLVARO CUNHAL

### NO COMÍCIO REALIZADO EM FARO, NO DIA 6 DE ABRIL DE 1975



Camaradas:

Permiti, camaradas, que saúde, em nome do Comité Central do Partido Comunista Português, todos os participantes neste comício e, através deles, todo o povo do Algarve. Aos operários e operárias da indústria de conservas, aos pescadores, aos operários da construção civil, a todos os trabalhadores do Algarve, eu quero expressar a solidariedade do Partido Comunista Português e as suas fraternais saudações. Quero agradecer também à organização do Partido do Algarve o convite que foi feito para participar neste comício e desejar a todos os militantes, a todas as organizações grandes sucessos na sua actividade. Finalmente, quero saudar os candidatos do Partido à Assembleia Constituinte e lembrar-lhes os deveres que pelo próprio facto de serem candidatos contraíram perante o seu Partido e perante o seu povo.

O primeiro dever dos candidatos comunistas é servir sempre abnegadamente os interesses do povo trabalhador, defendendo em quaisquer circunstâncias, mesmo as mais difíceis, os interesses dos trabalhadores, não ter a pretensão de ensinar as massas, mas ouvi-las também e saber aprender com elas e serem sempre, em todas as circunstâncias, os porta-vozes do povo trabalhador e do seu Partido. Em segundo lugar, é dever dos candidatos comunistas defenderem em quaisquer condições, as liberdades democráticas. Defender a liberdade, lutar pela liberdade é uma velha tradição do Partido Comunista. Os candidatos comunistas, se forem eleitos, na Assembleia Constituinte e fora dela, têm a obrigação de lutar, dando a vida se for necessário pela liberdade do nosso povo. O seu terceiro dever é lutar abnegadamente e em quaisquer condições pela liquidação do poder dos monopólios e latifundiários. Lutar por transformações democráticas profundas da sociedade portuguesa de forma a criarmos condições para que seja, no mais breve prazo de tempo, abolida a exploração do homem pelo homem no nosso país.

1

#### O PCP E A LIBERDADE

Este comício insere-se na campanha eleitoral. Naturalmente que aparecem outros partidos e se pergunta: o que quer cada partido? Quais são os objectivos de cada partido? E expõem-se os objectivos de cada partido para que os eleitores portugueses possam fazer o seu juízo e possam escolher. Muitas vezes se tem dito o que quer o Partido Comunista e alguns camaradas antes de mim neste comício já o disseram. Mas permiti que acrescente ainda algumas palavras ao que já aqui foi afirmado.

Em primeiro lugar, nós comunistas, sabemos bem dar o valor à liberdade. Durante quase 50 anos o povo português sofreu a privação das mais elementares liberdades. E os comunistas portugueses, creio, souberam, ao longo dos anos lutar pela liberdade, não a liberdade deles, comunistas, mas a liberdade do povo português. Os comunistas, ao longo dos anos, souberam dar a sua própria liberdade na luta pela liberdade do nosso povo e creio bem que essa luta pela liberdade dos comunistas não terminou no 25 de Abril. Desde o 25 de Abril, podemos também dizer que os comunistas têm estado nas primeiras filas da luta pela liberdade. Porque a liberdade desde o 25 de Abril já tem sido muitas vezes ameaçada, porque já várias vezes a reacção procurou destruir as liberdades que tinham sido alcançadas com o 25

de Abril. Quando foi a tentativa do golpe do então primeiro-ministro Palma Carlos, houve forças que hoje criticam o Partido Comunista — dizem que os comunistas não querem as liberdades — pois que estavam de certa forma conluídas com o ex-primeiro-ministro Palma Carlos para dar o golpe que liquidaria, esse sim, as liberdades. E foram os comunistas e outras forças democráticas que tomaram a iniciativa de fazer frente a essa tentativa de golpe juntamente com o Movimento das Forças Armadas e inutilizaram essa tentativa de Palma Carlos/Spínola para liquidar as liberdades democráticas.

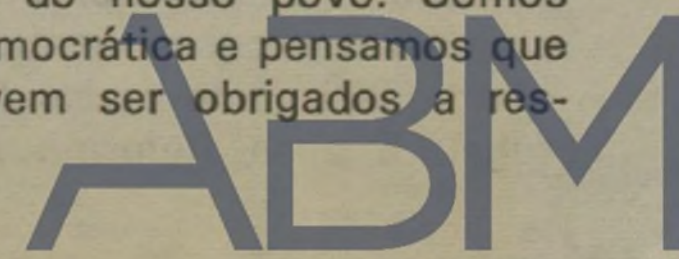
Depois, todos conhecemos o que foi a grande ofensiva da reacção antes do 28 de Setembro. E então também podemos dizer que alguns — que até se dizem democratas e que hoje criticam o Partido Comunista e dizem que o Partido Comunista não quer as liberdades — pois alguns não deixaram de dar um certo apoio a toda essa manobra da reacção que conduziria a um golpe de Spínola a 28 de Setembro. E foram os comunistas, foram outras forças democráticas que tomaram a iniciativa de cortar o passo à reacção e de facto desmantelaram essa ofensiva e impediram que o 28 de Setembro se transformasse num golpe contra-revolucionário e finalmente fizeram recuar a reacção que culminou pela demissão do então Presidente da República, o ex-general Spínola e de alguns generais reaccionários da Junta de Salvação Nacional. Também no 11 de Março, já o camarada Carlos Brito há pouco referiu nesta mesma tribuna, também houve forças que nos criticam, que dizem que os comunistas põem em perigo as liberdades, mas que antes do 11 de Março não deixaram de agir de forma a criar as condições políticas propícias para que a reacção tentasse o seu golpe. Não é só por palavras que mostramos lutar pela liberdade. É pelos actos, antes do 25 de Abril e depois do 25 de Abril. E o nosso povo pode estar seguro que se por acaso, para nossa infelicidade, um golpe dos fascistas fosse vitorioso, muitos dos que hoje falam em liberdade desapareceriam certamente, ninguém mais os veria. Mas os comunistas, esses continuarão a luta, mesmo nas piores condições.

O Partido Comunista, camaradas, é um Partido com muita experiência, mas é um partido composto por homens e todos os homens podem errar e o Partido Comunista também pode errar. Mas do que podeis estar seguros é que procuramos acertar e procuramos acertar no interesse dos trabalhadores, procuramos acertar na defesa do nosso povo e do nosso país. Do que podeis ter a certeza não é de que nós nunca erraremos, mas é de que nunca pouparemos esforços e daremos a vida se necessário for em defesa do povo trabalhador, em defesa do nosso país, em defesa do Portugal democrático a caminho do socialismo.

É por defendermos as liberdades, que nós defendemos, contra a opinião de alguns que também se dizem democratas, a necessidade de que o Movimento das Forças Armadas não só se mantivesse até às eleições como continuasse para além delas. O Movimento das Forças Armadas é um movimento revolucionário, democrático, dos capitães que fizeram o 25 de Abril e que merecem bem o apreço e a confiança do nosso povo, porque também eles confiam no povo português. Nós pensamos que esse movimento revolucionário é necessário para além das eleições. Se esse movimento acaso desaparecesse antes das eleições, a jovem democracia portuguesa correria certamente muitos maiores perigos. Por isso, defendemos a institucionalização do Movimento das Forças Armadas e foi com alegria que vimos a constituição do Conselho da Revolução e as suas primeiras medidas históricas: a nacionalização dos bancos e das

companhias de seguros. Nós sabemos que alguns que nos dizem estar com o MFA desde o 25 de Abril, podemos dizer que até à constituição do Conselho da Revolução, tudo fizeram para que o MFA desaparecesse da cena política. Diziam que os militares deviam regressar aos quartéis e tinham feito os seus cálculos sobre as eleições. Pensavam que estas eleições seriam umas eleições como podem ter lugar em Inglaterra ou na França ou noutros países que já têm um regime consolidado. E mais: que se podiam permitir, uma vez que o MFA não tem representação na Constituinte, fazer a Constituição que melhor lhes parecesse e enviar os militares para os quartéis. Os militares, diga-se os militares do 25 de Abril, os militares do Movimento das Forças Armadas, porque esses mesmos, alguns desses mesmos mantinham certas relações e faziam elogios a outros militares que hoje estão no Brasil ou estão nas prisões. Nós, os comunistas, estamos com o Movimento das Forças Armadas e pensamos que é necessário que estejamos com este Movimento todas as forças democráticas, todas as forças populares. Sabe-se bem que actualmente há negociações em curso entre os partidos políticos e o MFA, e pensamos que se vai chegar a uma conclusão, ou seja, que antes das eleições se vai chegar a um acordo acerca do que será no fundamental a democracia portuguesa depois das eleições. Temos que nos pôr de acordo para que depois das eleições não comecem todos à bulha e não haja tal ou tal partido que venha novamente dizer que os militares devem regressar aos quartéis. Durante um período ainda relativamente longo de tempo é necessário manter e consolidar a aliança do povo com as Forças Armadas para garantir a defesa das liberdades e o prosseguimento do processo democrático. E porque defendemos as liberdades, queremos que seja reforçado o Estado democrático. Isso significa, por exemplo, que deve prosseguir e andar mais depressa a reorganização das forças militarizadas, ou seja a PSP e a GNR, onde aliás se verificam já transformações de certo vulto, transformações importantes, e foi com grande alegria que verificámos que no 11 de Março em muitas localidades, as praças da GNR e oficiais da GNR, os sargentos da GNR cooperaram com o povo na criação de barreiras e na tomada de medidas com vistas a fazer frente a possíveis golpes contra-revolucionários nas regiões respectivas. Estão-se a transformar estas forças militarizadas e cremos em que brevemente se constituirão numa força de defesa da ordem democrática no nosso país e de luta contra possíveis golpes reaccionários. Será um passo no reforço do Estado democrático e na defesa das liberdades do nosso país.

Também, camaradas, porque nós defendemos as liberdades, nós também defendemos a ordem democrática. Nós não somos partidários da anarquia, da desordem, dos golpes de mão, como assistimos nas escolas, nos sindicatos e nas autarquias. Nós pensamos que devem haver leis democráticas e que essas leis devem ser respeitadas. E se defendemos as mais amplas liberdades, entendemos também que essas liberdades não devem ser aproveitadas para conspirar contra as liberdades, como fizeram vários partidos — o Partido Liberal, o Partido do Progresso e outros — que aproveitaram as liberdades para conspirar contra elas e para organizar o 28 de Setembro, e como talvez tenham feito outros nas vésperas do 11 de Março. Nós queremos que existam as mais amplas liberdades mas exijimos que essas liberdades sejam respeitadas e que não sejam utilizadas para tentar liquidar a liberdade do nosso povo. Somos defensores duma ordem democrática e pensamos que todos os portugueses devem ser obrigados a respeitá-la.





## O PCP E A DEFESA DOS INTERESSES DOS TRABALHADORES

A conquista das liberdades foi uma vitória de alcance histórico para o povo português. Mas a conquista das liberdades não resolveu todos os problemas do nosso povo. Não resolveu o problema do trabalho, não resolveu o problema do emprego, não resolveu o problema do pão e da educação para o nosso povo. E aqui no Algarve os pescadores sabem bem que só por si as liberdades não resolveram estes problemas: Os trabalhadores da indústria das conservas, os pescadores, os muitos que trabalham na construção civil e que hoje se encontram desempregados, assim como também no turismo muitos desempregados, sabem bem que a ordem democrática, a situação democrática ainda não resolveu estes problemas. Nós queremos as liberdades, mas queremos ao mesmo tempo e lutamos também para que sejam resolvidos aqueles problemas fundamentais da vida diária dos trabalhadores, que é o pão para os seus filhos, o seu trabalho, o seu bem-estar, o bem-estar das suas famílias. Os trabalhadores do Algarve podem contar com a solidariedade activa e com o apoio do Partido Comunista Português, dentro do governo e fora do governo, para defender os seus interesses e para conseguir resolver a situação difícil em que se encontram.

Eu quero uma vez mais lembrar aos operários e operárias da indústria de conservas que quando da última greve nós apoiámos a sua reivindicação dos dias de trabalho semanal e também o subsídio do Natal. Sabemos que depois houve uma disposição que transformou esse subsídio do Natal num subsídio de férias, o que veio causar a profunda desilusão dos trabalhadores, que tinham feito greve e tinham exigido o subsídio do Natal que afinal acabou por não ser concedido. Nós pensamos que foi uma grande injustiça feita aos trabalhadores de conservas e queremos dizer que devemos esforçar-nos para que essa injustiça seja reparada. Também queremos dizer aqui, em relação aos operários da construção civil, que a situação não é fácil de resolver, eles sabem bem que não é fácil de resolver. Construíram-se muitos edifícios de luxo para as férias dos ricos. Hoje a situação mudou um pouco e há dificuldades na construção que também resultam deste facto, por mais que procurássemos resolver essa situação. Mas tenho falado com trabalhadores algarvios, com trabalhadores da construção civil (e talvez alguns estejam aqui neste comício) e eles põem o problema que é não apenas de esperar a solução de toda a questão da construção civil, mas o problema de que há casos onde não se recebem salários e é necessário que haja dinheiro para que os trabalhadores possam manter a sua vida diária. Já disse a esses trabalhadores, mas aqueles com quem não falei quero também assegurar que tudo será feito para que lhes sejam dados os subsídios necessários para que os salários sejam pagos aos operários da construção civil que neste momento se encontram desempregados.

Aos pescadores algarvios (certamente também aqui haverá alguns) por aqueles que aqui estejam, aos outros eu quero assegurar também o nosso apoio às suas reivindicações, a nossa solidariedade na sua luta difícil, muito dura, numas condições ainda hoje muito duras de trabalho e de remuneração. Podem contar naturalmente com o necessário apoio das organizações do partido para a defesa dos seus interesses. Os pescadores hoje, em todo o País, estão-se a organizar em sindicatos. Há sindicatos que se desenvolvem e que naturalmente estarão em condições de defender os interesses da classe piscatória. Mas é uma classe que merece muito mais atenção do que tem tido porque durante muitos anos foi uma classe dominada pelos Tenreiros & C.<sup>a</sup> e estava muito esquecida das preocupações do governo.

Quanto aos camponeses algarvios, eu faço-lhes a justiça de não acreditarem que os comunistas comem crianças, que os comunistas matam velhos, que os comunistas roubam as mulheres, que os comunistas vão arrancar-lhes as terras e as casas. Nós sabemos que há muitos camponeses algarvios que têm pequenos pedaços de terra que não chegam para o seu sustento. Mas se os comunistas um dia vierem a decidir, podem ter absoluta certeza esses camponeses que não ficarão com um centímetro a menos de terra, mas que certamente receberão mais terra para cultivar. Há grandes extensões de terra inculta e mal aproveitada no Alentejo e também em alguns concelhos do Algarve. Os camponeses do Alentejo já começaram por suas próprias mãos, antes que alguma lei fosse feita, a dar os primeiros passos para a Reforma Agrária. Mas nós podemos ter a certeza que os dias se aproximam em que a própria lei irá declarar que se vai fazer a Reforma Agrária. Os trabalhadores alentejanos e ribatejanos estão a dar passos adiante nesse sentido e podemos estar certos que se aproxima o dia da Reforma Agrária em Portugal. E essa Reforma Agrária sem dúvida, como

muitas vezes se tem dito, entregará a terra àqueles que a trabalham. E é precisamente porque são necessárias grandes reformas económicas e sociais em Portugal que nós comunistas dizemos que as liberdades são importantes, mas não são tudo. Além das liberdades, é necessário realizar essas reformas que permitam ao nosso povo libertar-se da exploração dos monopólios e latifundiários, e permitam que a economia portuguesa trabalhe para bem do povo trabalhador.

## O PCP E O PORTUGAL DEMOCRÁTICO DO FUTURO

Alguns pensavam que depois do 25 de Abril iríamos ter uma democracia, mas uma democracia onde se tivesse a liberdade de protestar, a liberdade de reclamar, mas em que os patrões, os grandes agrários, os grandes capitalistas continuassem a ter a liberdade de possuir os seus monopólios e os seus latifúndios, a ter a liberdade de continuar a explorar os trabalhadores como dantes. Mas não será essa democracia que vai ser construída em Portugal. Em Portugal nós iremos construir uma democracia sem os monopólios e sem os latifundiários. (Gritos: «Abaixo os monopólios!»).

No tempo do fascismo, camaradas, nós escrevíamos, nós gritávamos, porque o direito de reunião não existia, mas escrevíamos na nossa imprensa clandestina: «Abaixo os monopólios!» Mas não sabíamos o dia em que seria possível atirar abaixo os monopólios. Desde o 25 de Abril, nós temos reclamado e temos lutado contra o poder económico dos monopólios e latifundiários. Mas também no 25 de Abril, antes do 28 de Setembro e antes do 11 de Março não sabíamos quando chegaria o dia em que estaríamos em condições de atirar abaixo os monopólios. Mas hoje, quando os camaradas gritam «Abaixo os monopólios!», nós podemos dizer que temos a certeza que eles já estão a ir abaixo e que brevemente serão liquidados os monopólios no nosso país. Isto não quer dizer, camaradas, que seja fácil, o que quer dizer é que é certo. Podemos ter a certeza de que, se não houver grandes acontecimentos imprevistos, este objectivo vai ser alcançado. Os monopólios no nosso país irão ser liquidados, os latifúndios irão ser liquidados e entraremos numa nova fase da revolução democrática no nosso país. (Gritos: «Vitória! Vitória!»).

Eu estou de acordo convosco, camaradas, no dia em que acabar o poder dos monopólios e dos latifúndios, no dia em que for feita a Reforma Agrária, no dia em que forem nacionalizados os sectores fundamentais da nossa economia, é uma grande vitória do nosso povo. Mas essa vitória dá-nos também novas obrigações e uma nova maneira de considerar os problemas económicos e a produção do nosso país. Na medida em que essas reformas vão sendo realizadas, o povo trabalhador começa a estar interessado em que aumente a produção, começa a estar interessado em que aumente a produtividade, começa a estar interessado em que progrida e se desenvolva a nossa economia, porque ela já não será para benefício dos grandes senhores, dos monopólios, dos grandes agrários, mas será em benefício do próprio povo, em benefício da comunidade nacional. E por isso é legítimo esperar que, tal como sucede nas empresas em dificuldades, nas empresas à beira da falência, em que são os operários a assegurar a vida das empresas, que são os operários a lutar pela sobrevivência das empresas, como vemos nos campos alentejanos em que são os trabalhadores que dão de comer ao gado, que tomam conta do gado, que começam a cultivar uma terra que estava abandonada, da mesma forma, na medida em que andemos para diante com novas reformas, com a liquidação do poder dos monopólios e dos agrários, temos também nas empresas nacionalizadas, nos sectores do Estado, de encarar uma nova forma do trabalho e procurarmos todos, os trabalhadores, em dar vida a essas empresas, em desenvolver a produção e tornar a nossa economia uma economia próspera porque ela passará a trabalhar para bem do povo trabalhador.

Esta, camaradas, é a grande diferença que existe entre o Partido Comunista Português e outros partidos. Nós sempre quisémos, sempre lutámos e continuamos lutando por um Portugal democrático a caminho do socialismo, a caminho da libertação da exploração do homem pelo homem. Mas havia muitos outros que queriam uma democracia em Portugal em que continuasse a exploração dos grandes capitalistas e dos grandes agrários sobre o nosso povo. Mas hoje já será tarde para construir uma democracia como essa, já é tarde para eles, já é tarde.

Muitas vezes, depois do 25 de Abril, havia democratas que diziam que não havia confiança, que se estava a perder a confiança. Mas nós perguntávamos: Quem é que está a perder a confiança. Não é o nosso povo que está a perder a confiança na democracia.

Quem é que estava a perder a confiança na democracia? E havia democratas que diziam que era necessário recuperar essa confiança que se estava a perder. E nós dizíamos: Quem está a perder essa confiança? Não é preciso recuperar a confiança do povo porque o povo tem confiança na democracia. O que eles queriam era recuperar a confiança dos monopólios, era recuperar a confiança dos capitalistas, e para recuperar essa confiança era naturalmente através dum compromisso com os próprios monopólios dizendo que não se lhes tocariam na banca, não se lhes tocariam nas grandes empresas, não se lhes tocariam nas suas terras das grandes herdades. Mas nós não quisémos um compromisso nem com os monopólios nem com os latifundiários. O nosso compromisso é com o povo português, é com o povo trabalhador para liquidar os monopólios e os latifundiários.

## O PCP E A UNIDADE

Naturalmente, camaradas, que nós, os comunistas, se estivéssemos sós pouco ou nada poderíamos fazer. O que sempre nos deu força, já na clandestinidade, o que hoje nos dá força, é a classe trabalhadora, é o apoio dos trabalhadores, é o apoio do povo português e a sua confiança. Os comunistas sós não podem transformar Portugal, mas o povo trabalhador, as massas trabalhadoras vão transformá-lo, vão criar uma sociedade nova no nosso país.

Nós defendemos, camaradas, a mais ampla unidade: unidade da classe operária, nas empresas e nos sindicatos, a unidade dos camponeses nas suas ligas, unidade das forças democráticas. Aqui, desta tribuna, alguns camaradas meus fizeram críticas, justas críticas a outros partidos que nos têm atacado, a nós comunistas.

Está muita gente neste largo e certamente estarão aqui também membros de outros partidos. Não talvez nas primeiras fileiras mas um pouco mais longe estarão membros do Partido Socialista. Eu quero aqui dirigir a minha palavra a alguns socialistas que estejam presentes neste comício. Se vós desejas o bem do nosso povo e a liberdade, porque não vos juntais aos comunistas na luta contra os monopólios e os latifundiários? E se vós, socialistas que aqui estais quereis defender as liberdades, porque não estais com os comunistas, aqui no Algarve e em toda a parte, sempre que a reacção ameaça, sempre que há o perigo da direita reaccionária, e porque não vos juntais aos comunistas na luta contra a reacção e porque por vezes quase pareceis estar com a reacção contra os comunistas?

Ainda digo mais: aqui também camaradas meus atacaram justamente certos grupos esquerdistas que dizem querer a revolução proletária. Nós não negamos que possa haver nesses grupos pessoas que pensam que os comunistas não andam suficientemente depressa, que pensam que os comunistas podem não estar a defender devidamente os interesses da classe operária. Podemos admitir que haja pessoas que assim o pensem. Se está aqui algum membro desses grupos eu pergunto: Porque é que não quereis lutar connosco contra os inimigos, os exploradores do nosso povo? Porque é que não vos ligais aos comunistas na luta diária contra os mesmos inimigos, os monopólios e latifundiários? Porque é que não trabalhai connosco na defesa dos interesses dos trabalhadores e na luta contra o inimigo que é a reacção, e porque é que acuseis os comunistas de todos os crimes que acusa a reacção nas suas calúnias e mentiras?

Nós, os comunistas, estamos prontos a unirmo-nos a todos aqueles que querem defender as liberdades, que querem lutar pela instauração em Portugal, de um regime democrático, sem monopólios e sem latifundiários, por profundas reformas a favor do nosso povo, de um regime democrático a caminho do socialismo. E quando falamos em unidade, nunca podemos esquecer um dos aspectos fundamentais da unidade do nosso povo para a construção de um Portugal democrático, de um Portugal novo e melhor: a unidade entre o povo e o Movimento das Forças Armadas. Nós tudo faremos, como temos feito, para reforçar a unidade do povo com o MFA, como um dos elementos fundamentais para a defesa das liberdades no nosso país, para o prosseguimento do processo revolucionário, e para a construção de um Portugal democrático a caminho do socialismo. (Gritos: «Unidade! Unidade!»).

E creio, camaradas que essa palavra que todos acabamos de pronunciar em comum é a melhor palavra com que pode terminar este nosso grande comício.

Viva a unidade do povo trabalhador!

Viva a unidade das forças democráticas!

Viva a unidade do povo com o Movimento das Forças Armadas!

Viva o Partido Comunista Português!

(Segundo registo magnetofónico do discurso improvisado)